

tecnologia

A tecnologia a favor da formação



Marina Caprio*

Muito se fala que vivemos na “sociedade da informação” ou na “sociedade do conhecimento”. Temos acesso a informações em apenas um clique. Isso sem falar nas crianças e jovens, considerados nativos digitais por serem muito familiarizados com toda a tecnologia existente: computadores, internet, mp3, jogos eletrônicos, simuladores, etc. Mas o que significa *conhecer* nessa sociedade? Qual o valor do conhecimento e qual o papel das instituições escolares?

As escolas já estão redimensionando o seu papel. Não são mais instituições que possibilitam acesso à informação, mas que a transformam em conhecimento, integrando-o, relacionando-o, conectando-o com outros aspectos, ressignificando-o. E as tecnologias têm uma função crucial na transformação dos processos educativos. Ora, se nos propomos a educar uma geração de “nativos digitais”, temos que necessariamente nos integrar aos seus códigos de linguagens, dentre elas o domínio tecnológico.

De acordo com Moran, ensinar e aprender exige mais flexibilidade espaço-temporal, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de comunicação e de pesquisa. Nesse sentido, é preciso repensar dois conceitos presentes em nossas instituições escolares: o de presença e

de ausência. Tradicionalmente nas instituições escolares, a presença, ou seja, o fato de o estudante estar em algum lugar, especialmente na sala de aula, opõe-se à ausência, que é a falta, a lacuna, o vazio. Por outro lado, a ausência, a falta do estudante, significa sempre que ele perdeu algo. O fato de alguém estar presente em algum lugar não garante que esteja participando dos atos, tomando parte nos acontecimentos pedagógicos que ali se desenrolam. Além do mais, “ausência”, como falta de presença, não se confunde com a inexistência do indivíduo e até mesmo com desconhecimento do local onde o mesmo está “presente”. Para a educação a distância (EAD), esses conceitos são ampliados, e a sala de aula adquire outras características.

De acordo com o Ministério da Educação, “caracteriza-se a educação a distância como **modalidade educacional** na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de **meios e tecnologias de informação e comunicação**, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos” (Dec. 5.622/05). Nesse sentido, professores e estudantes não dividem mais o mesmo tempo e espaço, flexibilizando as relações de ensino e aprendizagem.

Cumprido destacar que EAD não é sinônimo de autoaprendizagem, como muitos podem imaginar, já que não exige a presença física do estudante diariamente nas instituições de ensino como na educação presencial, mas ela deve ser fundamentada em dois conceitos: a participação e a interação. Participar é ser um elemento ativo, é ter parte em e interagir, é exercer ação mútua, afetando ou influenciando o desenvolvimento ou a condição um do outro. **Esses dois processos são condições para que ocorra aprendizagem.** Assim, a interação pode ocorrer sem que os protagonistas estejam presentes fisicamente; ela supõe, necessariamente, dois elementos e um meio de comunicação: o aluno e o projeto pedagógico do curso mediados por aparatos de comunicação.

A EAD flexibiliza a participação do estudante em diferentes cursos, como os de formação profissional, graduação e pós-graduação, aliando a velocidade de nossa sociedade com as necessidades formativas e de aperfeiçoamento cada vez mais presentes em nossas vidas. ■

*Pedagoga e doutora na área de psicologia. Coordenadora do curso de Pedagogia a Distância da Faculdade Interativa COC

www.coc.com.br